

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Complexo Industrial da Perdigão**

Mineiros-GO, 20 de março de 2007

Senhor governador do estado de Goiás, Alcides Rodrigues Filho,
Senhor ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Luiz
Fernando Furlan,

Senhor Ademir Menezes, vice-governador do estado de Goiás,
Senador Marconi Perillo,

Deputados federais Leandro Vilela, Leonardo Vilela, Pedro Wilson,
Rubens Otoni e Sandro Mabel,

Ex-governador e ex-senador Maguito Vilela,

Senhora Neiba Maria Barcelos, prefeita de Mineiros,

Senhor Nildemar Secches, presidente da Perdigão,

Senhor Eggon João da Silva, presidente do Conselho de Administração
da Perdigão,

Meu caro Demian Fiocca, presidente do BNDES,

Meu caro Lima Neto, presidente do Banco do Brasil,

Meu caro Antonio Chagas, representante da executiva da CUT,

Companheiros dos fundos de pensão aqui presentes, da Previ e da
Petros,

Companheiros e companheiras funcionários da Perdigão,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu, se tivesse juízo, não falaria aqui, depois do discurso da Prefeita,
porque a pauta de reivindicação dela é bastante exitosa, bastante, eu diria,
significativa.

Mas depois que o Governador me disse, no discurso, que a receita da
região vai aumentar em 50%, eu já vi que vou vir aqui pedir dinheiro
emprestado para emprestar para as outras cidades que estão aqui, que estão
na mesma situação da cidade de Mineiros.

Meus amigos e minhas amigas, é sempre uma manifestação prazerosa

participarmos da inauguração de uma empresa que gera renda, que gera riqueza e que gera empregos no município de uma cidade do interior brasileiro. Toda vez que nós sobrevoamos os estados do Centro-Oeste brasileiro, e todas as pessoas que viajam comigo, nós ficamos nos perguntando por que o Brasil já não deu certo muito mais tempo atrás. Porque é um País que tem todas as condições para que a gente dê, definitivamente, um salto de qualidade e passe de ficar pensando pequeno ou chorando as coisas que muitas vezes não dão certo no Brasil, e não dão certo em qualquer país do mundo.

Eu conversava com o ministro Furlan, com o Presidente da Perdigão e com o Governador, essa história de comércio exterior, é importante que a gente tenha um equilíbrio na nossa cabeça para que a gente perceba que os outros também querem vender para nós, porque muitas vezes a gente tem a impressão que só nós temos que vender. Mas também, cada vez que a gente vai vender um produto, as pessoas querem vender um produto para nós. E se um país tem um superávit muito grande na balança comercial, com outro, isso termina não sendo benéfico na ajuda do comércio exterior. É preciso que haja um equilíbrio.

Eu dizia: nós reivindicamos tanto que a Rússia compre a nossa carne. E a gente pergunta, de vez em quando: o que nós compramos da Rússia? Não compramos quase nada da Rússia. Então, se o Brasil quiser que a Rússia compre mais carne do Brasil, nós precisamos mostrar aos russos que nós precisamos comprar alguma coisa deles, porque da mesma forma que os nossos empresários e os nossos trabalhadores se queixam que a gente não está vendendo para lá, os trabalhadores deles e os empresários deles se queixam que eles estão comprando muito de nós. Então, é preciso que haja um equilíbrio.

Nós vínhamos, no avião, e o Governador me dizia que em abril vai inaugurar uma fábrica de automóvel aqui, da Hyundai, em Anápolis, e o Furlan aproveitou para dizer que a gente está comprando muito carro da Ford que está sendo produzido na Argentina, me parece, no México. Mas é preciso que a gente compre alguma coisa do México, porque nós temos um superávit na balança comercial de 3 bilhões de dólares. Os mexicanos, cada vez que vêem a gente, eles ficam doidos, é preciso diminuir essa balança comercial. É muita vantagem para o Brasil, como é muita vantagem para muitos outros países.

Então, manter esse equilíbrio, de comprar um pouco e vender um pouco, é que dá uma certa justeza no comércio internacional, senão ninguém agüenta.

A gente tem uma parceria com a Venezuela, um tempo atrás a gente não vendia quase nada para a Venezuela, 300 milhões. Hoje, o Brasil tem um superávit com a Venezuela de 2 bilhões e meio de dólares. Como eles só produzem petróleo, e nós não precisamos comprar petróleo deles, chega uma hora que começa a criar problemas, nós vamos ter que comprar alguma coisa. E assim vale para todos os países do mundo, manter esse equilíbrio entre comprar uma coisa e vender um pouco, para que as pessoas se sintam em condições de negociar mais tranqüilo com o Brasil.

Quando se trata de carne, e aqui eu estou falando na frente de dois especialistas, um, atual mandante da Perdigão, e o outro, ministro, mas ex-mandante da Sadia, portanto, os dois maiores produtores e exportadores de carne de frango do mundo. É isso? Pelo menos do Brasil.

O Brasil, na medida em que um país conquista as condições de ser um grande país, sobretudo um grande exportador, os olhos em cima de nós aumentam, a fiscalização aumenta, a disputa aumenta, e os adversários também aumentam. O Brasil não é mais um país da periferia, quando se trata de exportar carne. O Brasil é o maior exportador de carne do mundo. Antigamente, parece que era a Austrália, nós ultrapassamos. E quando a gente passa a ser o maior exportador do mundo... quando é o maior time do mundo, todo mundo quer ganhar do maior time do mundo. Veja quando a Seleção Brasileira joga com qualquer time, por pior que seja, eles querem derrotar o Brasil, não querem? Assim, deve valer para o melhor time de Goiás, para o melhor time de São Paulo, no caso de São Paulo é o Corinthians, todo mundo quer ganhar.

Na política internacional é assim. O Brasil é um grande exportador de vários produtos, e quando a gente começa a exportar muito, nós começamos a arrumar adversários, começam a aparecer pessoas querendo colocar casca de banana no nosso caminho para que a gente não consiga exportar tudo que a gente quer. O que nós precisamos é apenas ter o equilíbrio. No Brasil nós também trabalhamos, às vezes nós ficamos como se fosse um coração em alta tensão, às vezes a gente tem 100% de coisas positivas, e às vezes, no mesmo dia, abaixa para 100% de coisas negativas. Por exemplo: quando faz seca, é a

desgraça do governo que é o culpado. Quando chove, eu não vi uma passeata agradecendo a chuva. Por que? Porque nós temos um prazer de fazer transferência de responsabilidade com as desgraças, como nenhum outro povo tem. É uma coisa nata do Brasil.

Este País que estava numa crise na agricultura, no ano passado, este ano já tem gente exportando milho de 2009. O preço da soja, que parecia que ia lá embaixo, já não está tão lá embaixo, está lá em cima. O Furlan lembra, quando nós entramos, o preço do café era 37 dólares. Nunca mais eu vi ninguém reclamar do preço do café. Nem do preço da laranja, nem do preço do álcool, e não vão reclamar também do preço da soja. Porque agora, com a introdução do biodiesel na matriz energética brasileira, ao longo desses próximos anos o biodiesel vai significar quase um regulador do próprio comportamento do mercado internacional, em função da capacidade de oferta que a gente tenha, ou para atender o mercado internacional, ou para produzir biodiesel aqui, internamente. O que nós precisamos é apenas ir consolidando as políticas regulatórias para que a gente não seja vítima das intempéries, porque desde que eu me conheça por gente – eu já estou com 61 anos, portanto já faz tempo que eu me conheço por gente – não conheço um governo que não foi culpado pela desgraça da agricultura. Não conheço um, não tem na história deste País, porque é assim mesmo. Agora, a pergunta que me indignava, com o Roberto Rodrigues, era sempre a seguinte: se é verdade que o problema das intempéries causa problema na agricultura, por que este País não introduziu 30 anos atrás um seguro agrícola que garantisse, definitivamente, que nós soubéssemos que não íamos ser vítimas das intempéries? Bem, nós estamos agora introduzindo isso. Mas não basta isso.

Quando a gente pega uma notícia, no jornal, que teve um foco de febre aftosa num estado qualquer ou uma outra doença animal em qualquer estado... Eu dizia agora há pouco ao Presidente da Perdigão: é preciso que, a cada dez anos neste País, a gente faça uma reunião da cadeia produtiva de cada setor para que a gente possa adaptar a legislação à nova realidade, porque tem tecnologia nova, porque tem vacina nova, porque tem coisa nova. E, na minha opinião, inclusive, a gente co-responsabilizar a pessoa que permite que tenha uma doença no seu rebanho, porque se ela colocasse em risco apenas o rebanho dela, seria ótimo, mas ela coloca em risco é o estado.

Eu estava em Chapecó fazendo um debate, uma vez, e o cidadão mais bravo, o que mais xingava o governo – depois me entregaram, no ato, um recorte de jornal – era um cidadão que tinha dado uma declaração, lá em São Paulo, dizendo que não tinha problema com os russos, porque eles corrompiam o governo russo. Aquilo saiu na primeira página do jornal O Estado de São Paulo. Certamente, o embaixador russo recebeu; certamente, mandou para o presidente Putin, e certamente o Putin ficou meio “putin” com o Brasil. Certamente, ele deve ter falado: “bom, se estão dizendo que o nosso governo é corrupto, por que eu vou comprar?” Isso foi estampado nas páginas dos jornais. E esse cidadão, que fazia um discurso feroz contra o governo, era a figura mais inocente daquele pedaço da reunião ali, até que eu mostrei a manchete do jornal e disse para ele que o mínimo que eu esperava dele era que ele fizesse uma carta ao presidente da Rússia, pedindo desculpas e dizendo que tinha falado bobagem. Não sei se mandou, mas deveria ter mandado.

Quando a gente vem aqui inaugurar uma fábrica desta magnitude, no interior do País, e quando a gente percebe o discurso que a Perdigão me dizia... O discurso não, as palavras da Perdigão quando fomos inaugurar a outra fábrica, em Rio Verde. E ele me dizia: “Presidente, o problema aqui, de que nós estamos necessitados, é a questão da mão-de-obra.” E eu dizia: a mão-de-obra não vai ser problema, é só ter oportunidade que esse pessoal se forma. E já está formada a primeira turma daqui, já vai se formar a segunda, já vai se formar a terceira. Quando vocês fizerem a outra fábrica, os outros trabalhadores virão se formar aqui, em Mineiros, porque os daqui já estão preparados para formar outras pessoas. E não tem, na face da Terra, gente mais criativa do que a nossa, não tem. Eu ouvi também, de vocês, que os trabalhadores da Perdigão, aqui, já estavam produzindo mais que os gaúchos. Eu ouvi você dizer isso para mim. E eu vou dizer isso para os gaúchos, que é para os gaúchos começarem a produzir mais que vocês, para vocês voltarem a produzir mais que os gaúchos. E essa disputa vai fazer com que a Perdigão possa produzir muito mais.

Quando venho aqui, e quando (inaudível) eu vou dizer para vocês uma coisa, eu vou me deitar e me levanto cada dia mais otimista com o futuro deste País. Eu sei que as pessoas reclamam: “mas os juroz poderiam cair”, porque

as pessoas se esquecem quanto é que estavam os juros quatro anos atrás. “Ah, mas a produção deveria aumentar.” Este ano vamos bater recorde, outra vez, de produção. “Ah, mas o dólar, não sei das quantas.” O dólar, quem vai ajustar ele é o mercado, não o presidente da República. Na medida em que a gente faça as coisas certas, não tem erro, o Brasil vai dar certo. É importante que a gente não perca de vista, nunca, o dia 1º de janeiro de 2003. Este país tinha 14 bilhões dólares de reservas e 16 bilhões emprestados do FMI. Hoje, este País não deve mais ao FMI, não deve mais ao Clube de Paris e tem 106 bilhões de dólares de reservas na sua balança. Contem quantos países no mundo tem 100 bilhões de dólares de reservas. Possivelmente, a China e a Índia, acima disso. Essa é a garantia que nós estamos dando ao mundo para os nossos produtos, essa é a garantia que nós estamos dando ao mundo para os investimentos estrangeiros no Brasil, essa é a garantia que a gente está dando ao mundo que não se faz estupidez com a economia e nem se trabalha com o nervosismo desse ou daquele setor.

O Furlan é ministro da Indústria e Comércio, e ele sabe quantas vezes a indústria automobilística entrava, em janeiro, na nossa sala, dizendo: “Presidente, estamos em vermelho”. No final do ano, voltava lá: recorde de produção, recorde de exportação, recorde de vendas. Ele sabe, quando nós começamos a discutir o flex fuell, quantas incertezas: “não vai dar certo.” O que aconteceu? 85% dos carros vendidos no mercado interno, no ano passado, são flex fuell.

Os usineiros de cana, que há dez anos eram tidos como se fossem os bandidos do agronegócio neste País, estão virando heróis nacionais e mundiais, porque todo mundo está de olho no álcool. E por quê? Porque tem políticas sérias. E tem políticas sérias porque quando a gente quer ganhar o mercado externo, nós temos que ser mais sérios, porque nós temos que garantir para eles o atendimento ao suprimento. Antigamente, vocês estão lembrados quando a gente tinha 90% de carros a álcool e, de repente, não tinha mais álcool no posto de gasolina porque o açúcar subia no mercado internacional e então, não se produzia mais álcool, se produzia apenas açúcar. Se não for política responsável, ninguém acredita.

E hoje eu posso dizer para vocês, quando eu digo isso, eu digo de boa cheia: não existe momento na história econômica da República brasileira,

desde que foi proclamada a República – eu estou falando de mais de 100 anos – em que a economia tenha tantos fatores positivos, que me dão a certeza de que o Brasil, finalmente, encontrou o seu caminho. Vai ter um setor reclamando? Vai. Na família da gente, de cinco filhos que eu tenho, você se senta à mesa e sempre tem um reclamando da comida, quatro gostando e um reclamando. Sempre vai ter um setor que vai ter um problema aqui, vai ter um problema ali. Você tem que ir ajustando o setor sem contaminar o todo, você tem que ir ajustando cada setor. Se a carne tem problema, vai tratar do problema da carne. Se o couro tem problema, vamos tratar do problema do couro. É este País que está em andamento. E foi consolidado, no dia 22 de janeiro, com o lançamento do PAC.

Posso dizer aqui, aos meus companheiros de Goiás: não tem, na história do Brasil, nenhum programa lançado com a seriedade com que foi o PAC. O PAC tem cara, tem nariz, tem cabeça, tem tronco, tem membros, tem data de começar e tem data de acabar. E é apenas o começo de uma política que só pode acontecer porque nós fizemos o resto certo, senão, não aconteceria.

Então, esta fábrica da Perdigão é um estímulo. Saber da compreensão da Prefeita, do Governador, do Marconi Perillo, saber do apoio que o Maguito deu quando era governador, com outras fábricas. Saber que no fundo, no fundo, todo mundo tem quer dar o seu dedinho de contribuição para que as coisas aconteçam. Se o Brasil der certo, todos nós ganhamos. Se o Brasil der errado, todos nós perdemos. Alguém pode até achar que pode ganhar uma eleição com um discurso de desgraça, mas ele ganha e não leva, porque se o Brasil não der certo para nós, também não dará certo para quem governa. Então, o que nós queremos? Nós queremos, Prefeita, que os municípios brasileiros sejam respeitados. E foi por isso que na Constituição de 88 nós demos tanta força aos municípios. E é por isso que nesses quatro anos de governo os prefeitos foram tratados com a dignidade que jamais tinham sido tratados neste País.

A senhora agora, certamente, vai à Marcha dos Prefeitos. Lá estarão todos os ministros discutindo todos os temas, porque nós achamos que se o País vai bem, o estado tem que ir bem e a cidade tem que ir bem. Se a cidade não vai bem, se o estado não vai bem, não tem como o País ir bem, ou seja, o “ir bem” é uma combinação de prosperidade em cada ente federativo. Por isso,

Prefeita, eu vou levar com muito carinho as suas reivindicações – não me entregou ainda, só falou – e depois a senhora vai receber da pessoa que vai compilar cada uma, ver o que pode ser feito com cada uma, para que a gente possa, dentro do possível, ir atendendo.

No mais, gente, Perdigão, parabéns. Espero que a Sadia fique com inveja e faça uma maior em outro lugar.

Um abraço e boa sorte para todo mundo.